



RELATO DE EXPERIÊNCIA: DESMISTIFICANDO A SAÚDE REPRODUTIVA EM UMA RODA DE CONVERSA COM MULHERES EM REABILITAÇÃO

Giulia Meneses Menon (UEM)

Isabela Tatiane de Oliveira (UEM)

Sônia Trannin de Mello (UEM)

giuliammenon@gmail.com

Resumo:

O artigo é resultado do projeto de pesquisa extensionista, contemplado pelo programa Mulheres Paranaenses: Empoderamento e Liderança da Fundação Araucária (CP 02/2022). Mapeamos os perfis de 20 mulheres em acolhimento por uso abusivo de drogas psicoativas. Para isto, utilizamos do método quali-quantitativo, no qual foi feito por meio do questionário, roda de conversa e construção de nuvem de palavras com intuito de abordar sobre a anatomofisiologia dos sistemas reprodutores feminino e masculino, higiene menstrual, saúde reprodutiva com prevenção de IST e gravidez indesejada e aqueles de maior interesse para as participantes. Educação em saúde pode contribuir para o atendimento das demandas sociais locais e emancipação para que mulheres tenham a oportunidade de conquistar a autogestão de seus ciclos reprodutivos, inclusive de forma sustentável, por meio da extensão universitária, que tem se mostrado como um processo educativo revolucionário.

Palavras-chave: Saúde da Mulher; Educação em Saúde; Populações Vulneráveis.

1. Introdução

Embora a menstruação seja um processo fisiológico permanece sendo alvo de discriminação e humilhação, sobretudo devido aos tabus e estereótipos que estigmatizam o período como sujo, levando muitas pessoas a olharem para a menstruação com vergonha por não terem acesso a recursos que permitam um período saudável e seguro do ponto de vista da higiene íntima. A experiência de pessoas que menstruam no que se refere aos seus ciclos menstruais não é homogênea e difere com base em fatores como idade, gênero, raça, deficiência, razões econômicas, sociais, migração e outros status e contextos. Não é à toa, que tais assuntos são considerados como um problema de saúde pública (MOTTA E BRITO, 2022).

Assim, a extensão universitária deve ser entendida como um processo educativo e transformador, tanto para a sociedade quanto para as universidades e acadêmicos. É



fundamental, pois promove a integração entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Deste modo, busca-se o compartilhamento de conhecimentos, a fim de atender as demandas sociais existentes, de modo a possibilitar a autonomia dos indivíduos e o desenvolvimento da região (LISBÔA, 2022).

Logo, o projeto de pesquisa extensionista “O empoderamento de pessoas que menstruam com vistas à igualdade, ao acesso e manejo da higiene, com impacto positivo no meio ambiente”, vinculado ao programa “Mulheres Paranaenses: Empoderamento e Liderança”, vem se ocupando com um tema socialmente relevante, mas negligenciado, que é a anatomia e fisiologia do corpo feminino integrada ao meio social e ambiental, desmistificando tais assuntos através de métodos simples mas efetivos para população leiga.

2. Metodologia

Este estudo foi realizado na Associação Beneficente Casa de Nazaré, localizada na cidade de Maringá-PR, sendo uma Organização da Sociedade Civil (OSC), do terceiro setor, sem fins lucrativos e que tem como missão promover o acolhimento e a recuperação de pessoas do sexo feminino, maiores de idade, inclusive gestantes e mães nutrizes e que não queiram mais realizar o uso de substância psicoativas. A Casa tem capacidade para acolher até 20 pessoas, as quais podem escolher permanecer para tratamento durante, no máximo, oito meses. Convém ressaltar que antes da pesquisa ser aplicada, foi avaliado por doutores na área e, posteriormente, pelo Comitê Permanente de Ética em Pesquisa com Humanos da UEM (Parecer de aprovação n. 5.766.704).

A priori utilizamos os métodos quali-quantitativo (DUARTE, 2010), cujo objetivo é identificar quantitativamente o nível de conhecimento, opiniões, impressões, hábitos e comportamentos. Mas o enfoque é no método qualitativo, ocupa-se com um tema ou objeto, buscando interpretá-lo em termos do seu significado. A análise considera a totalidade e não dados ou aspectos isolados.

3. Resultados e Discussão

Com base nos dados quantitativos, atingimos um público de 20 (100%) mulheres, com idade variando entre 20 e 60 anos, sendo que uma delas se identificou como transgênero, ou seja, não se identifica com o gênero que foi atribuído no momento do nascimento. Destacando, quando questionadas sobre aspectos relativos à anatomofisiologia do aparelho reprodutor feminino, 45% informaram que conhecem as estruturas anatômicas, mas 50%

referiram não saber os motivos de uma pessoa com útero menstruar; 65% desconhecem as fases do ciclo menstrual; 50% não sabem dizer qual o período mais provável para uma gravidez e, 45% nunca sentiram necessidade de organizar/conhecer seu ciclo menstrual.

Após avaliar individualmente com o questionário, fizemos uma dinâmica em grupo para avaliar os conhecimentos delas sobre tais assuntos. Para isso utilizamos o método, nuvem de palavra ou tempestade de ideia, na qual consiste basicamente em montar uma nuvem com palavras ditas pelas participantes com base no conhecimento que tem sobre determinado assunto (PAGLIARINI & SEPEL, 2022). Tal método de nuvem possui uma ótima estratégia didática e de aquisição de novas aprendizagens, pois motiva a participação e raciocínio, favorecendo a aprendizagem. Uma vez que, utilizamos das informações referentes à dúvidas, ideias e desejos das mulheres sobre os temas. (Figura 1)

Em um segundo momento, indagamos as mulheres para realizar uma análise crítica da nuvem de palavras, e em grupo elas deveriam discutir e rever as palavras mencionadas no primeiro momento e conectar as palavras mencionadas, semelhante a um mapa (Figura 2).

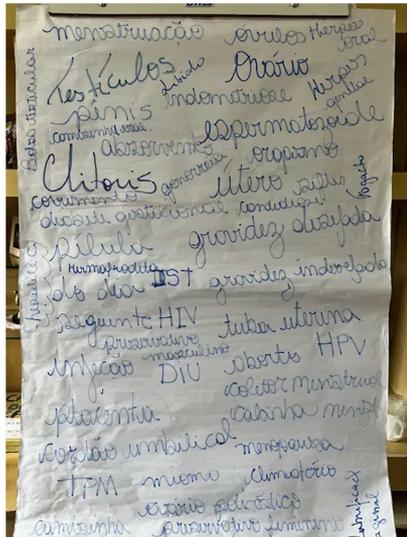


Figura 1. Nuvem de palavras

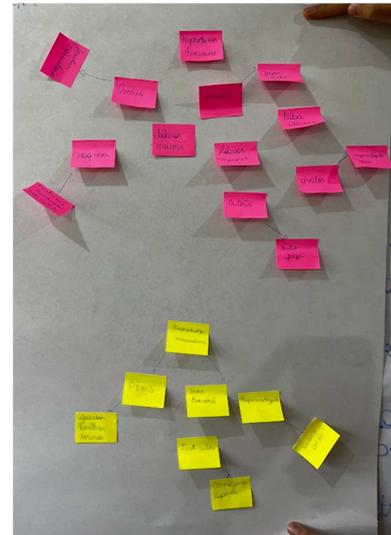


Figura 2. Mapa de palavras

Deste modo, pode ser notada a mudança da primeira para a segunda nuvem de palavras mantendo uma conexão, uma vez que na dinâmica anterior eram palavras aleatórias que iria surgindo na mente das meninas sobre tais assuntos, além de acrescentarem desenho e diálogo em equipe. Logo, fica evidente que a extensão universitária colabora com a sociedade, para além do trabalho assistencialista, e sim promover e despertar a consciência crítica da população que muitas das vezes não são ouvidas (LISBOA, 2022).



Contudo, após a construção da nuvem de palavras, nos embasamos nos resultados para compreender o nível de necessidade, conhecimento e desafios enfrentados pelas mulheres em tratamento. Além de ter sido fundamental para a abordagem futura, no qual utilizamos da rodas de conversa, uso de protótipos anatômicos, banners e palestras, além de contribuir para a formulação de novos estudos, os assuntos sobre o autocuidado, menstruação, descarte correto de absorventes, conhecimentos anatômicos e fisiológico, métodos contraceptivos e prevenção de IST.

Assim, através da roda de conversa podemos ouvir, sanar dúvidas, levar conhecimento científico e dividir experiências, pois consiste em uma ferramenta dialógica, não hierarquizada, permitindo as participantes, para além da prática da escuta e do falar o que sente e como pensa sobre, de como foi repassado este conhecimento, reflexão crítica e a aprendizagem. Além disso, a roda de conversa tem como objetivo superar mitos e desmistificar tabus, principal objetivo do trabalho realizado (SILVIA et al., 2020).

Ao longo do parágrafo cito algumas falas apreendidas durante as rodas de conversas: “Amei o dia que desceu pela primeira vez e depois odiei pois minha mãe não tinha dinheiro para comprar absorvente e o jeito foi utilizar paninho, me deixava suja”; “Senti muita vergonha quando percebi que tinha me tornado mocinha e fui correndo contar pra minha mãe no trabalho. Ela ficou também envergonhada, disse que ninguém precisava saber e me levou para trocar de roupa”; “Toda vez que eu menstruava minha vó dizia que era punição de Deus por ser mulher” ; “Meu marido não se importava quando eu estava naqueles dias, e queria deitar comigo a todo custo. Sua frase sempre era a mesma - Todo guerreiro suja a sua espada”

A partir dos relatos foi possível notar que ainda persistem enraizados os pensamentos de desigualdade de gênero na sociedade. A ideia de que as mulheres devem ocupar principalmente espaços privados e domésticos, além da restrição do acesso das mulheres a espaços públicos tem sérias consequências para sua educação e saúde. Mulheres que não têm acesso a educação formal ou a serviços de saúde adequados enfrentam maiores desafios para melhorar sua situação socioeconômica e de saúde (MOTTA E BRITO, 2022).

Conseqüentemente, devido a esses cenários encontramos essas mulheres em um centro de terapia devido ao uso abusivo de substâncias psicoativas. Pois os companheiros que as mulheres mantêm relações amorosas exerceram grande influência sobre uso de drogas ilícitas (MARONGONI e OLIVEIRA,2012).



4. Considerações

A roda de conversa oferece um espaço seguro, sobretudo para mulheres que nunca puderam ser ouvidas, para compartilharem suas próprias experiências de saúde. Isso pode ajudar a reduzir o estigma associado a certas condições de saúde e promover a solidariedade entre as participantes. Além de desmistificar tabus e concepções errôneas sobre saúde feminina, especialmente importante em comunidades onde certos tópicos de saúde são considerados tabus ou são mal compreendidos. Ao participar de uma roda de conversa, as mulheres podem se sentir capacitadas a tomar decisões informadas sobre sua própria saúde.

Agradecemos à Fundação Araucária Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Paraná (FA), pelo apoio financeiro. À Universidade Estadual de Maringá (UEM), instituição que incentiva a pesquisa extensionista e à Associação Beneficente Casa de Nazaré de Maringá - PR, local onde ocorreu a pesquisa e que acolheu a ideia, proporcionando a realização desse projeto.

Referências

DUARTE, Alexandre William Barbosa. Survey. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L.M.F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

SILVA, F. et al. RODA DE CONVERSA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE FÍSICA E MENTAL DE MULHERES. **Editora Científica Digital eBooks**, p. 603–614, 1 jan. 2020.

LISBÔA-FILHO, F.F. **Extensão Universitária. Gestão, comunicação e desenvolvimento regional**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022.

PAGLIARINI, Daiane Schio; SEPEL, Lenira Maria Nunes. Uso de nuvem de palavras como estratégia para o ensino do Reino Fungi no Ensino Médio. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 13, n. 4, p. 1–23, 2022. DOI: 10.26843/rencima.v13n4a12. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirosul.edu.br/rencima/article/view/3483>. Acesso em: 9 fev. 2024.

MARANGONI, S.; OLIVEIRA, M. **Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres**. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 22, n. 3, p. 662–670, set. 2013.

CARVALHO MOTTA, M. C.; ALVES PEIXOTO DA ROCHA BRITO, M. Pobreza Menstrual E A Tributação Dos Absorventes. *Confluências | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, v. 24, n. 1, p. 33-54, 1 abr. 2022.